

## A IDÉIA DA INDEPENDÊNCIA

DIPLOMACIA Por que a política externa brasileira ainda provoca reações iradas de certos setores, dentro e fora do Itamaraty



O embaixador Roberto Abdenur aposentou-se, aos 64 anos, quando contava 44 anos de serviços prestados à diplomacia brasileira. Enquanto esteve no Itamaraty, era tratado com a deferência devida aos diplomatas de primeira linha. Sempre foi respeitado dentro e fora do País. Foi embaixador em Washington, posto mais importante no exterior. Por tudo isso, tinha como certo encerrar a carreira com de/dor, como se diz nas rodas mais afetadas do mundo diplomático.

Uma mistura de crises de ego, velhos rancores e questões políticas acabou, no entanto, por apressar o pijama de Abdenur e jogá-lo contra o ministro Celso Amorim, das Relações Exteriores. Essa briga de velhos colegas de turma serviu para trazer à luz uma sinuosa batalha travada entre conservadores e reformistas pelo controle da política externa brasileira.

No início de fevereiro, em entrevista à revista *Veja*, Abdenur destilou fel puro ao falar sobre a política externa do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. De maneira inusual para um diplomata ainda na ativa, o embaixador afirmou que a diplomacia brasileira estava contaminada pelo antiamericanismo e pela orientação ideológica. Em suma, o esquerdismo havia tomado conta do Itamaraty. Abdenur chegou a afirmar que as promoções de diplomatas no governo Lula são feitas com base em afinidades ideológicas. Soou, no mínimo, deselegante para um diplomata em fim de *carrière*.

Pouco acostumados a se envolver em polêmicas públicas e amantes da discórdia, os diplomatas brasileiros passaram

os últimos dias digerindo os rancores espalhados pela entrevista do embaixador. A todos ficou claro que a política externa comandada pelo chanceler Celso Amorim deixou insatisfeito o grupo eventualmente representado por Abdenur. Também entrou na roda uma lista de quatro livros, preparada pelo secretário-geral, Samuel Pinheiro Guimarães, tornados leitura obrigatória para diplomatas que entram ou saem de Brasília. Na visão de Abdenur, a imposição, além de vexatória, tinha caráter doutrinário.

A indignação do embaixador Abdenur com a lista de livros, embora não seja voz solitária, tinha um componente pessoal. Difícil achar algum caráter doutrinário, por exemplo, na biografia do Barão do Rio Branco, escrita por Álvaro Lins. Outros dois títulos também são de inodora

ideologia: *Pensamento Econômico Brasileiro*, de Ricardo Bielschowsky, e *Chutando a Escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*, do coreano Ha-Joon Chang. O problema estava em um quarto livro, Brasília, *Argentina e Estados Unidos: da Tríplice Aliança*

ao Mercosul, do historiador Luiz Alberto Moniz Bandeira, desafeto de Abdenur. Na semana passada, para encerrar o bate-boca, o ministro Celso Amorim suspendeu a obrigatoriedade das leituras.

Depois de ler a entrevista, Moniz Bandeira, de 71 anos, foi à imprensa insinuar que Abdenur

avia alugado, por um preço três vezes mais alto, o prédio da Embaixada do Brasil em Berlim, onde ele também foi embaixador. O historiador o acusou, ainda, de ter sido conivente com irregularidades no Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Iebra). Abdenur nega as acusações e promete processar Moniz Bandeira. Segundo ele, no caso do imóvel em Berlim, a negociação foi tocada pelo Itamaraty, sem a participação dele. Com relação ao Iebra, o embaixador afirma que o historiador moveu-se por inveja, pois teria postulado a diretoria do instituto, sem sucesso. O Ministério das Relações Exteriores decidiu não se pronunciar sobre ambos os casos.

Roberto Abdenur estava há pouco mais de dois anos na Embaixada de Washington, quando, no fim do ano passado, foi avisado de que seria removido para o Brasil. "Remoção", no jargão diplomático, diz respeito à transferência e à mu-

POLEMISTA. Abdenur também se considera de "esquerda"





FOTOS: RICARDO STUCKERT/PH



dança de posto do diplomata. É uma ação burocrática por excelência. Abdenur estava em postos do exterior há 11 anos e meio, embora uma norma em vigor, criada pelo embaixador Luiz Felipe Lampreia, ex-chanceler de Fernando Henrique Cardoso, estabeleça um tempo máximo de dez anos consecutivos para um diplomata ficar fora do País. Abdenur tinha de voltar, mas, em vez de fechar a carreira com a tal chave de ouro, botou uma nódoa de ressentimento no currículo.

**Recolhido em um** apartamento no Rio de Janeiro, cidade onde não vivia há 36 anos, Abdenur não teve outro jeito senão pedir a aposentadoria, apesar da possibilidade de se manter no Itamaraty até os 70 anos. Hoje, vê alguma incompreensão

na avaliação das declarações que deu sobre a política externa brasileira. Garante apoiar as políticas sociais e econômicas do governo Lula, em quem diz ter votado. "Eu sou de esquerda", anuncia. Também não esperava tanta reação às críticas. "Esperava que houvesse algum eco, mas não essa polêmica", diz. "Mas o lado positivo disso tudo é que tornei público o debate sobre a política externa."

**TERCEIRO-** rações que deu sobre a política externa brasileira. Garante apoiar as políticas sociais e econômicas do governo Lula, em quem diz ter votado. "Eu sou de esquerda", anuncia. Também não esperava tanta reação às críticas. "Esperava que houvesse algum eco, mas não essa polêmica", diz. "Mas o lado positivo disso tudo é que tornei público o debate sobre a política externa."

**MUNDISTA?** política externa brasileira. Garante apoiar as políticas sociais e econômicas do governo Lula, em quem diz ter votado. "Eu sou de esquerda", anuncia. Também não esperava tanta reação às críticas. "Esperava que houvesse algum eco, mas não essa polêmica", diz. "Mas o lado positivo disso tudo é que tornei público o debate sobre a política externa."

**Lula com Blair, no Fórum de Davos, e em visita à África. Não há nada de ideológico na agenda** Lula, em quem diz ter votado. "Eu sou de esquerda", anuncia. Também não esperava tanta reação às críticas. "Esperava que houvesse algum eco, mas não essa polêmica", diz. "Mas o lado positivo disso tudo é que tornei público o debate sobre a política externa."

Segundo o embaixador, o viés ideológico detectado por ele não é esquerdista, mas de concepção de mundo. Abdenur se diz favorável à diversificação de mercados, como reza a cartilha atual do Itamaraty, mas teme que isso seja feito em detrimento das relações com as nações ricas. "Pode não causar prejuízo, mas impede o Brasil de ganhar mais", afirma. Ex-embaixador na China, ele condenou o reconhecimento, feito pelo governo brasileiro, daquele país como economia de mercado. "Ora, a China é competidora do Brasil e tem uma relação simbiótica com os Estados Unidos", adverte. "Isso exige uma atualização da nossa parceria com os chineses."

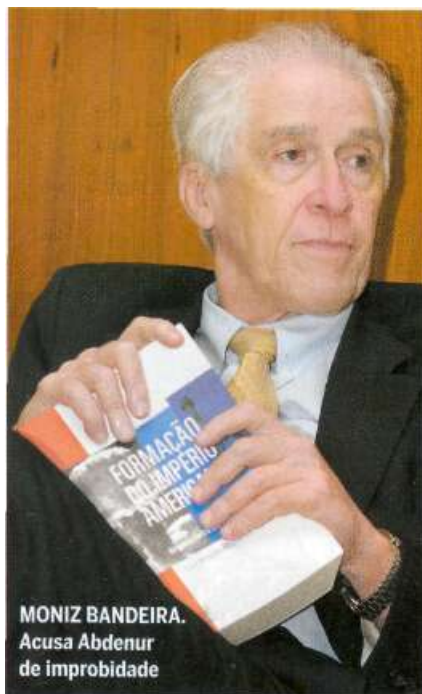
A bem da verdade, Abdenur tirou o véu de um assunto pouco discutido no Brasil, até porque a instituição guardiã do tema, o Itamaraty, mantém-se hermeticamente fechada ao público. Os métodos e a rotina da diplomacia

são conhecidos de uns poucos iniciados, além dos diplomatas. Trata-se de uma corporação altamente hierarquizada, cheia de normas de comportamento e salamaleques sem sentido para a maior parte dos humanos. O fato de haver uma guerra surda pelos corredores do palácio de vãos largos criado por Oscar Niemeyer não deixa de ser uma novidade e tanto.

**Desde que assumiu** o Ministério das Relações Exteriores, o chanceler Celso Amorim detectou focos de resistência, ou "nichos", como ele mesmo chama, à política externa preconizada pelo governo Lula. Amorim não cita nomes, mas sabe que eram, na maioria, diplomatas ligados aos líderes tucanos da era FHC, como o ex-chanceler Luiz Felipe Lampreia e os embaixadores Rubens Barbosa, Marcos Azambuja e Sérgio Amaral, ex-porta-voz do Palácio do Planalto. Era uma turma bastante alinhada com os interesses dos EUA por conta de uma visão econômica pragmática. Exatamente como defende Roberto Abdenur, que vislumbra antiamericanismo na atual ação do Itamaraty. Amorim, com a ajuda de Samuel Guimarães, inverteu os valores.

"Quando cheguei aqui, percebi que haviam sido criados vários nichos profissionais", conta Celso Amorim. Entre esses nichos, o mais bem alimentado e feliz era o que cuidava da negociação da Alça, a Área de Livre Comércio das Américas, idealizada pelo governo americano. Era uma composição econômica de bloco cara ao governo FHC, mas foi desmontada e neutralizada por Lula.

Para o governo do PT, perfeitamente alinhado com o pensamento de amplos setores do empresariado industrial, a Alça, do jeito como estava sendo proposta, era mais uma estratégia de controle capitalista, de fundo imperialista, dos EUA. "Teve gente insatisfeita com os novos rumos, mas nem sempre por razões ideológicas", diz o chanceler. "Alguns ficaram chateados mesmo porque deixaram de fazer viagens, todo mês, para os Estados Unidos e o México", alfineta Amorim.



O pragmatismo econômico, base da chamada relação Norte/Sul, ou seja, entre os pobres da parte baixa do mapa-múndi e os países ricos, lá em cima, foi substituído por uma política calçada na solidariedade e na integração. O Brasil apoiou a entrada da Venezuela no Mercosul e articula a vinda da Bolívia, com quem tem mantido uma relação

diplomática quase apaixonada. A direita instalada no Itamaraty, e que encontra eco entre os editorialistas dos principais jornais brasileiros, se arrepiava só de pensar no que os americanos vão achar disso. Hugo Chávez e Evo Morales estão na origem da demonização da política externa tocada por

Amorim, apesar do esforço brasileiro em se diferenciar do primeiro e do acordo com o segundo, na questão do gás, ser totalmente justificável.

Para o chanceler, há um erro de avaliação - ou de má-fé - ao se tentar ideologizar a discussão sobre a atual política externa. Segundo ele, o comércio do Brasil com o mundo aumentou muito mais em quatro anos de governo Lula do que em oito de FHC, inclusive com os Estados Unidos e a União Européia. Mas aumentou, também, com a África

e a América do Sul. Somente com a Venezuela, o aumento foi de 400%. Com a Colômbia, para não ficar apenas no exemplo do esquerdista Chávez, a Embraer conseguiu fechar um contrato de venda de 35 Tucano - não os do PSDB, mas os aviões militares de instrução utilizados pela Força Aérea Brasileira.

"Essa aproximação Sul/Sul é boa a curto prazo, melhor a médio prazo e melhor ainda a longo prazo", define Celso Amorim. As relações com países da África, do Oriente Médio e, claro, com Cuba, têm sido um permanente foco de crítica à política. Lula, é verdade, deu mais atenção a essas regiões, mas não pode ser acusado de conduzir uma política totalmente alternativa. O presidente, por exemplo, faz questão de comparecer anualmente ao Fórum de Davos, convalesce dos donos do dinheiro no mundo, onde "idéias sociais" são debatidas em doses homeopáticas entre as longas sessões em que se ministram os velhos dogmas da ortodoxia.

Para o chanceler, o componente solidário da política externa provoca reações conservadoras, mas tem se mostrado um elemento de união e pressão eficiente. Ele cita a criação do G-20, grupo de 21 países em desenvolvimento, capitaneados pelo Brasil, formado em 2003, durante a reunião da Organização Mundial do Comércio, em Cancún, no México.

**"Como não se pode** imputar ideologia ao G-20, e não se pode negar seu sucesso, os críticos tentam descolar essa ação da política externa brasileira", diz Amorim. Segundo ele, a essência do G-20 é justamente o norte da atual política gerenciada pelo Itamaraty, mas não pode sequer ser tachada de antiamericana, porque as ações do grupo se voltaram com mais intensidade para as barreiras comerciais impostas pela União Européia.

Nas palavras de um diplomata, interessado em apaziguar os ânimos no Itamaraty, mas não em se identificar, o que está em jogo na política externa é uma espécie de "torcida contra" de embaixadores conservadores, quase sempre ligados à política de alinhamento automático com os Estados Unidos e os demais países ricos. Segundo ele, Roberto Abdenur tem razão, e é apoiado em silêncio por vá-

O Itamaraty está menos elitizado. Há mais espaço para mulheres e negros

rios colegas, quando reclama da participação do Brasil no mercado americano, o maior do planeta, onde circulam estimados 2 trilhões de dólares. Nesse bolo, o País tem algo em torno de 1,4%. Há 20 anos, era de 2,2%. O problema foi a maneira, pública e desrespeitosa, de abordar o assunto.

**A questão, no entanto,** não é apenas comercial, muito menos pragmática. Com Celso Amorim, o Itamaraty começou a mudar de feição, a deixar de ser tão elitizado e abriu perspectivas de firmar relações diferenciadas com outras nações. A base dessa nova política foi idealizada por Marco Aurélio Garcia, assessor internacional da Presidência, mas só pôde ter sido colocada em prática pelas mãos de dois diplomatas experientes - Amorim e Samuel Guimarães - com fama de nadar contra a corrente.

Assim, Lula se fez acompanhar de empresários brasileiros e foi desbravar, com sucesso, mercados alternativos na África, China e nos países árabes. A política de aproximação com países pobres e emergentes, embora seja encarada hoje como uma bandeira de esquerda, foi inaugurada durante a ditadura, pelo general Ernesto Geisel (1974-1979), por mais paradoxal que possa parecer. Tocada pelo chanceler Antônio Francisco Azeredo da Silveira, foi apelidada de "política terceiro-mundista", bem ao gosto das referências da Guerra Fria. Foi o fim do alinhamento ideológico automático com os Estados Unidos, mesma época em que o Brasil reatou relações



SÉRGIO AMARAL.  
No tempo dele,  
o alinhamento com  
os EUA era automático,  
mas não mais vantajoso

diplomáticas com a China. Geisel e Azeredo da Silveira também foram chamados de antiamericanos.

Agora, não bastasse a febre Sul/Sul que tomou conta da política interna, Amorim decidiu, internamente, facilitar o acesso aos quadros do Instituto Rio Branco. Para tal, deu continuidade a uma ação do antecessor, Luiz Felipe Lampreia, autor de uma política de bolsas de estudo para brasileiros negros interessados em fazer concurso para entrar na carreira. Amorim manteve as bolsas, não cedeu a nenhuma política de cotas, mas acabou com o caráter eliminatório da prova de inglês (ou de qualquer outro idioma), por si só, um

filtro por onde só passavam estudantes bem-nascidos. Por enquanto, o Brasil ainda segue sem jamais ter tido um embaixador negro.

Celso Amorim não aceita adotar política de cotas porque teme perder a excelência do curso de diplomata, considerado um dos mais rígidos do País. Mas tem disseminado entre a tropa o que ele chama de "esforço adicional" na política de promoções para favorecer, sobretudo, as mulheres. "O fato é que ninguém que é preconceituoso se assume como tal, mais ou menos como quem é de direita", ironiza o chanceler. Por conta disso, há um número inédito de diplomatas do sexo feminino escalado como embaixadoras de postos importantes como Paris, Bruxelas (União Européia), Nova York (ONU), Vaticano e Seul. Também são mulheres a secretária de Administração do Itamaraty e a chefe de gabinete de Celso Amorim.

**O chanceler também** conseguiu acabar com a nomeação política de embaixadores de fora da carreira do Rio Branco. No governo Lula, havia dois: o ex-deputado Paes de Andrade, do PMDB, embaixador em Portugal, e o ex-deputado Tilden Santiago, do PT, em Cuba. Apontados como corpos estranhos ao mundo diplomático, e de eficiência zero no ofício, acabaram defenestrados, sem dó nem piedade. Hoje, todos os embaixadores são de carreira. "Me sinto muito confortável trabalhando com o presidente Lula", diz Amorim. "Venho de uma geração que sonhou com reforma social, reforma agrária e uma política externa independente."

^ O bafafá criado pelo embaixador Roberto-Abdenur, assim como a reação de Celso Amorim, levou a Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal a convocá-los para uma audiência pública, marcada para o próximo dia 27. Membro da comissão e um dos autores do requerimento, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) não concorda com as acusações de Abdenur. "Olha, se esse embaixador tivesse ficado os dois anos a mais que ele queria ficar nos Estados Unidos, não teria falado o que falou", analisa. "Foi só por causa do emprego dele." •



PRETEXTOS. A relação com Chávez e Morales é a que sofre mais ataques dos conservadores

